



Liberdade de prática de religiões de matriz africana em Santarém-PA

Autores: Beatriz Fernandes Farias¹; Helson dos Reis Lopes² Orientador (a): Carla Ramos Munzanzu³

INTRODUÇÃO

As religiões refletem a estrutura social, no Brasil religiões de matriz africana (candomblé é umbanda) sofrem com discriminações e preconceitos (Ferretti, 2007). Nesse cenário nosso objeto de estudo são as múltiplas formas que o preconceito religioso com religiões afro brasileiras se apresenta nas experiências cotidianas dos praticantes de umbanda em Santarém-PA.

OBJETIVO

O presente trabalho busca entender o preconceito não explícito que praticantes de religiões de matriz africana sofrem e que limitam sua liberdade de prática religiosa.

imagem 1 – Loja de artigos afro religiosos Mundo das velas



Fonte: Beatriz Farias, 2020

METODOLOGIA

- Visita a lojas de artigos religiosos afro-brasileiro.
- Entrevistas estruturadas e semiestruturadas com praticantes de umbanda.

RESULTADOS

Tabela 1 – questões levantadas nas entrevistas

Como se sente a respeito da sua religião?
Já foi desrespeitado por praticar sua religião?
Já deixou de usar algum elemento da sua religião por medo?
Já foi agredido fisicamente por praticar sua religião?
Seu local de prática religiosa já sofreu algum ataque

Fonte: elaborado pelos autores, 2020

Todos os entrevistados nos informaram sentir-se bem com suas escolhas religiosas e que infelizmente a sociedade não vê com bons olhos sua escolha, o que os leva constantemente a não expor sua religiosidade, evitando usar qualquer tipo de elemento que remeta a sua religião, afim de não sofrer qualquer tipo de represália social.

Os dois entrevistados, dizem que tentam ser discretos quanto a exibir sua opção religiosa e quando questionados sobre violências, ambos nos contam sobre eventos de depredação dos locais de prática (terreiros) o que evidencia que a intolerância religiosa é algo que permeia suas experiências do dia a dia.

CONCLUSÃO

A prática religiosa ultrapassa as paredes dos templos, ela é um exercício constante e que precisa ser ostentado orgulhosamente por seus praticantes. O fato de que nossos entrevistados terem que ser “discretos” quanto a sua religião, demonstra como eles não são livres realmente para praticar seus ritos plenamente.

REFERENCIA

FERRETTI, S. Religião e sociedade: religiões de matriz africana no Brasil, um caso de polícia. In: **JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, III, 2007.** São Luís. Conferência... São Luís: UFMA, 2007.

1 – Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) E-mai: biafer576@gmail.com

2 - Graduando em Arqueologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) E-mai: helsonreis035@gmail.com

3 – Professora de antropologia na universidade federal do Oeste do Para e PhD Candidate no Departamento de Estudos Africanos e da Diáspora Africana, Universidade do Texas (at Austin). E-mail: carlaramos@utexas.edu

Liberdade de práticas de religiões de matriz africana em Santarém-PA

Introdução: As religiões refletem a estrutura social, no Brasil religiões de matriz africana (candomblé é umbanda) sofrem com discriminações e preconceitos Ferretti (2007). Nesse cenário nosso objeto de estudo são as múltiplas formas que o preconceito religioso com religiões afro brasileiras se apresenta nas experiências cotidianas de dois praticantes de umbanda em Santarém-PA.

Objetivo: O presente trabalho busca entender o preconceito não explícito que praticantes de religiões de matriz africana sofrem e que limitam sua liberdade de prática religiosa.

Metodologia

- Visita a lojas de artigos religiosos afro brasileiro
- Entrevistas estruturadas e semiestruturadas com praticantes de umbanda.

Resultados: Todos os entrevistados nos informaram sentir-se bem com suas escolhas religiosa e que infelizmente a sociedade não vê com bons olhos sua escolha, o que os leva constantemente a não expor sua religiosidade, evitando usar qualquer tipo de elemento que remeta a sua religião, afim de não sofrer qualquer tipo de represália social.

Os dois entrevistados, dizem que tentam ser discretos quanto a exibir sua opção religiosa e quando questionados sobre violências, ambos nos contam sobre eventos de depredação dos locais de prática (terreiros) o que evidencia que a intolerância religiosa é algo que permeia suas experiências do dia a dia.

Conclusão

A pratica religiosa ultrapassa as paredes dos templos, ela é um exercício constante e que precisa ser ostentado orgulhosamente por seus praticantes. O fato de que nossos entrevistados terem que ser “discretos” quanto a sua religião, demonstra como eles não são livres realmente para praticar seus ritos plenamente.

Referências

FERRETTI, S. Religião e sociedade: religiões de matriz africana no Brasil, um caso de polícia. In: **JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, III, 2007.** São Luís. Conferência... São Luís: UFMA, 2007.